

## O CAMINHO DO FILÓLOGO GLÁDSTONE CHAVES DE MELO

Leodegário A. de Azevedo Filho

Presidente da Academia Brasileira de Filologia

Com prefácio de Sousa da Silveira, a “Organização Simões”, em 1952, publicou o pequeno volume *Conceito e Método da Filologia*, enfeixando dois discursos realmente importantes: o de Serafim da Silva Neto, recebendo Gládstone Chaves de Melo na Academia Brasileira de Filologia, e o deste último, em resposta ao primeiro.

No discurso de Serafim da Silva Neto, com base em Vossler, foi defendido o princípio de que a história da língua e a história da literatura estão intimamente relacionadas, acrescentando-se a isso as contribuições da teoria literária e da lingüística modernas. Em seguida, o orador propôs uma divisão tripartida para a obra de Gládstone Chaves de Melo: a primeira parte reunindo monografias sobre vários assuntos filológicos; a segunda voltada para a crítica textual, a exemplo de sua edição de *Iracema*, poema em prosa de Alencar, onde se lê excelente estudo sobre “Alencar e a Língua Brasileira”; e a terceira, talvez a mais importante, expressa exemplarmente no livro *A Língua do Brasil*.

Em resposta, Gládstone Chaves de Melo observou que até o século XVIII “vivêramos sob a concepção logicista das línguas e sob o prestígio modelar da gramática latina” (op. cit. p. 40). Condenava o purismo, que “negava à língua o direito de adquirir e incorporar novas formas e novos giros” (op. cit. p. 41). E acrescenta, na mesma página:

Desta falsa nota só podia surgir, como surgiu, um tumultuoso jugo de opiniões desencontradas, a que costumamos chamar *gramatiquice*, cujos torneios mais que seculares tanto têm contribuído para desmontar a nossa especialidade no conceito daqueles apedeutas, que confundem a verdadeira Ciência da Linguagem, sólida, objetiva, com essas controvérsias sem conteúdo, onde não raro vence quem grita mais.

Em síntese, Gládstone Chaves de Melo busca caracterizar a lingüística científica em função de três fatores: “a inteligência historicista ao invés de logicista do fenômeno língua; a afirmação do valor absoluto do *fato* e do valor relativo da *explicação*; a crítica exaustiva e aguda, como permanente método de pesquisa e de trabalho” (op. cit., pp. 42-43). E, para acentuar os desconcertos da visão logicista, o filólogo perguntava, sempre a sorrir, se a expressão “homem público” comporta ou não feminino condigno...

Distinguindo as noções de *uso* e de *situação* lingüística, observava que é necessário diferenciar sempre *língua transmitida* de *língua adquirida*. É à

gramática cabe formular as normas da língua adquirida, indo buscá-las na sua única e legítima fonte: os bons textos literários e o uso oral culto da língua. Sendo assim, pode-se entender por gramática uma sistematização dos fatos da língua literária contemporânea. E acrescenta: “É um código que registra os usos da linguagem adquirida e lhe classifica os fenômenos, para facilitar aos diferentes falantes o domínio dessa modalidade lingüística” (op. cit. p. 47). Daí se conclui que a gramática apenas induz ao conhecimento prático da língua e que “o verdadeiro gramático” é “um pesquisador e um classificador”. Mais ainda: “o gramático é servo da língua e, não, seu modelador”. Afinal, arremata: “Fato é fato: existe, vale por si, apesar do gramático ou contra o gramático, o lingüísta ou o filólogo”. Ou seja: “a única autoridade que o especialista bem formado admite é a dos fatos” (op. cit. p. 48).

Em seguida, o eminente filólogo põe em evidência a necessidade de textos devidamente apurados e autenticamente editados, condenando alterações voluntárias ou inconscientes do pensamento alheio, já agora à luz da Crítica Textual, por ele superiormente exercida. Aqui vale a pena transcrever o seguinte trecho, sabiamente escrito por ele:

Urge que o filólogo e o lingüísta procurem conhecer a língua, isto é, os textos, e não os gramáticos, muito menos os gramatiqueros: conhecer a língua, estudando-a com olhos de técnicos e com olhos de artista. Sem dúvida é muito mais fácil conhecer meia dúzia de compêndios rançosos e sonolentos do que conhecer a língua diretamente, pelos seus documentos e monumentos, – o que demanda uma vida inteira de devoção, – mas é este o único e verdadeiro caminho do filólogo (op. cit. p. 53).

Portanto, o caminho do filólogo e do lingüísta deve ser iluminado pela filosofia, realmente indispensável para qualquer ramo das ciências sociais e humanas. A rigor, torna-se indispensável distinguir *Lingüística Portuguesa* de *Filologia Portuguesa*. “O objeto formal da *Filologia*” – acrescenta –

é estabelecer, explicar e comentar textos, tarefa à primeira vista fácil e pobre, mas que, na verdade, exige longa soma de conhecimentos e grande acuidade mental. A fixação dos textos e sua exegese reclamam conhecimentos lingüísticos, paleográficos, históricos, mitológicos, numismáticos, heráldicos, religiosos, de Poética e outros mais. Então, propriamente, *Filologia Portuguesa* seria o estudo largo e profundo dos textos de nossa língua para atingir em cheio a mensagem intelectual ou artística neles contida” (op. cit. pp. 54-55).

Para concluir, procuremos agora recordar a bibliografia de lingüística e filologia portuguesas, de crítica textual, de cultura brasileira, de filologia, de religião, de pedagogia, de traduções e de artigos em geral assinados por

Gládstone Chaves de Melo. Não toda a bibliografia, mas apenas alguns títulos que, de algum modo, marcaram época entre nós: *A Língua do Brasil*, 4. ed. melhorada e aumentada, Rio de Janeiro, 1946; *Alencar e a “Língua Brasileira”*, Rio de Janeiro, 1972; *A Língua e o Estilo de Rui Barbosa*, Rio de Janeiro, 1950; *Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa*, 6. ed. rev. e aumentada, Rio de Janeiro, 1981; *Novo Manual de Análise Sintática*, 4. ed. melhorada, Rio de Janeiro, 1971; *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*, 3. ed. melhorada, Rio de Janeiro, 1978; *Ensaio de Estilística da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1976; *Os “Brasileirismos” de Frei Luís de Sousa*, Niterói, EDUFF, 1992; *Iracema (Lenda do Ceará)* por José de Alencar, introdução, notas e apêndice “Alencar e a ‘Língua Brasileira’”. Rio de Janeiro, INL, 1948; Machado de Assis, *Quincas Borba*, prefácio de Augusto Meyer, apuração do texto, revisão, aparato crítico, introdução, notas e apêndice, São Paulo, Melhoramentos, 1973; Frei Luís de Sousa, *A Vida de Frei Bartolomeu dos Mártires*, fixação do texto em colaboração com Aníbal Pinto de Castro, IN/CM, 1984; Antônio Vieira, *Sermão da Sexagésima*, introdução, estabelecimento filológico do texto, notas e comentários, Niterói, EDUFF, 1985. Na *Miscelânea de Estudos* publicada em sua homenagem, há bibliografia mais completa, sem esquecer a ampla colaboração em revistas e jornais (Rio de Janeiro, Lucerna, 1995).

Em suma, o caminho que o filólogo Gládstone Chaves de Melo trilhou está pontilhado de sábias lições, a começar pelo respeito ao texto alheio e aos fatos lingüísticos. Para ele, a seriedade foi sempre a luz que iluminou sua vida e que orientou sua respeitável obra filológica.